

Clássicos Juvenis TRÊS POR TRÊS

TRÊS CAVALEIROS

REI ARTUR
Thomas Malory

IVANHOÉ
Walter Scott

O GUERREIRO DOS
CABELOS DE FOGO
Lourenço Cazarré



COORDENAÇÃO MARCIA KUPSTAS

ILUSTRAÇÕES THEO SZCZEPANSKI

1ª edição

Conforme a nova ortografia

Coleção Três por Três

Gerente editorial

Rogério Castaldo

Editora-assistente

Andreia Pereira

Coordenação e produção editorial

Todotipo Editorial

Assistência editorial

Bárbara Prince

Revisão

Isadora Prospero e Raíssa Costa

Pesquisa iconográfica

Cristina Akisino (coord.)

Gerente de arte

Nair de Medeiros Barbosa

Assistente de produção

Grace Alves

Diagramação

Bóris Fatigati

Coordenação eletrônica

Silvia Regina E. Almeida

Colaboradores

Projeto gráfico

Aeroestúdio

Ilustrações

Theo Szczepanski

Coordenação

Marcia Kupstas

Suplemento de leitura e projeto de trabalho interdisciplinar

Silvia Oberg

Preparação de textos

Cláudia Cantarin

Impressão e acabamento

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Três cavaleiros / ilustrações Theo Szczepanski. – 1. ed. – São Paulo : Atual, 2012. – (Coleção Três por Três : clássicos juvenis / coordenação Marcia Kupstas)

Conteúdo: Rei Artur / Thomas Malory – Ivanhoé / Walter Scott – O guerreiro dos cabelos de fogo / Lourenço Cazarré.

ISBN 978-85-357-1517-0

1. Cazarré, Lourenço. 2. Literatura infantojuvenil. 3. Malory, Thomas, 1405-1471. 4. Scott, Walter, 1771-1832. I. Szczepanski, Theo. II. Série.

12-05359

CDD-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil 028.5
2. Literatura juvenil 028.5

6ª tiragem, 2017

Copyright © Lourenço Cazarré, 2012

SARAIVA Educação S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221 – Pinheiros

CEP 05425-902 – São Paulo – SP – Tel.: (0xx11) 4003-3061

www.editorasaraiva.com.br

atendimento@aticascipione.com.br

CL: 810611

CAE: 576148



SUMÁRIO

Prefácio

Três cavaleiros heroicos 7

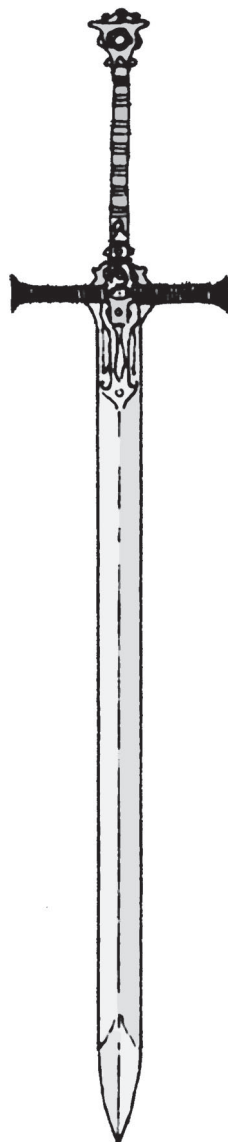
REI ARTUR 11

Thomas Malory 12
Merlin e o rei Uther Pendragon 13
Uma ótima educação 14
A espada cravada na pedra 14
Artur é coroado rei 17
O Cavaleiro da Fonte 17
A luta entre Artur e Pellinore 19
A bainha valiosa 21
A menina e a verdade 22
O casamento do rei 22
Sir Ontzlake e *sir Damas* 23
Accolon substitui *Ontzlake* 25
O combate entre Artur e Accolon 26
O cavaleiro grandalhão 28
A derrota de *sir Heitor* 29
A vitória de Bagdemagus 30
Lancelote vence Turquine 31
A Cadeira Perigosa 33
Lancelote e o dragão 34
Uma visão do Santo Graal 35
O falso anel de Guinevere 35
Galahad é armado cavaleiro 36
Uma espada para Galahad 37
Em busca do Santo Graal 38

O escudo com a cruz no centro	39
Galahad enfrenta Lancelote e Percival	41
Surge o Cálice Sagrado	41
A partida de Galahad	42
A morte de Artur e o fim de uma era	44

IVANHOÉ 47

Walter Scott	48
Onde está o rei?	49
O bufão e o porqueiro	49
Até o fim do mundo	51
O peregrino	52
Hospitalidade não se nega	53
O judeu	53
A relíquia e a corrente de ouro	55
Informações sobre Ivanhoé	56
Cavalo, escudo e armas	57
Defensores contra desafiadores	58
O Cavaleiro Deserdado	59
O Cavaleiro Negro	61
O arqueiro fanfarrão	63
O assalto dos arqueiros verdes	64
Na cabana do frade	65
Reginaldo Testa de Boi	67
Maurício de Bracy	68
Prefiro morrer	69
Uma carta	69
Um espião	70
Uma mentira e uma reza	71
Troca de roupas	72
Uma punição	72
Prisioneiros	73
Começa a batalha!	73
Um resgate em meio às chamas	74
Uma fuga	75
Robin Hood	76
Ricardo Coração de Leão	77

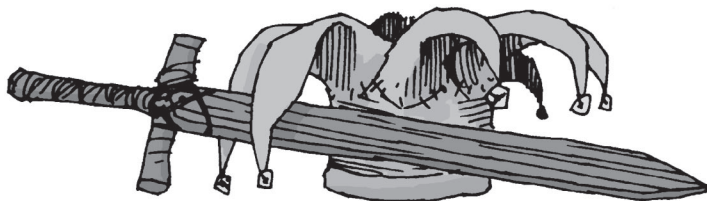


O mestre dos templários	77
O preceptor de Templestowe	79
Uma solução	79
O julgamento de Rebeca	80
Wamba empunha sua espada de pau	81
Uma nuvem de poeira ao longe	83
A vontade dos céus	84
Um casamento e uma morte	86

○ GUERREIRO DOS CABELOS DE FOGO 87

Lourenço Cazarré	88
Aventuras	89
Labaredas	89
Chicotadas	90
Gênio	91
Ideia	92
O jesuíta	93
Taramela	94
Terra	96
Silêncio	96
Gritaria	98
Vigilância	99
Os monstros	100
Vaga-lumes	101
Arqueiros	103
Fuga	103
Passarinhos	104
Dor	105
Fama	106
Conversas	107
Serpentes	108
Liberdade	109
Honra	110
O voo	111
O demônio dos brancos	112
Ossos	113
Iguais	114

Grande rio	115
Chá amargo	116
Estratégia	117
Toureiro	118
Doma	119
Espanhóis	120
Cerimônia	122
Batalha	123
O diabo dos índios	124
Nascente	126
Paz	127



TRÊS CAVALEIROS HEROICOS

Três autores, três épocas, três lugares... e um tema central, reunindo três diferentes narrativas. Quantas semelhanças pode haver entre essas histórias, quantas são suas particularidades...

A primeira definição de qualquer dicionário para a palavra *cavaleiro* é “homem que anda a cavalo”. Além dessa obviedade, porém, a imagem do cavaleiro reúne um imenso potencial de fantasia. Sejam os cavaleiros andantes da Idade Média, com suas armaduras reluzentes, sejam os gaúchos do sul da América, eles estão no imaginário humano há mais de um milênio, em narrativas repletas de glória, heroísmo e abnegação.

No volume *Três Cavaleiros* da coleção **Três por Três**, o escritor brasileiro Lourenço Cazarré narra a trajetória de três figuras heroicas, de realidade discutível ou claramente imaginadas. Seu rei Artur é construído a partir da adaptação de vários textos medievais; Ivanhoé, protagonista do romance homônimo do século XIX, de *sir* Walter Scott, vive peripécias fantásticas até merecer o amor da querida Rowena; Guilherme, o Guerreiro dos Cabelos de Fogo, é um amálgama de viajantes reais que conheceram os primórdios do Rio Grande do Sul resultante da elaboração ficcional do autor.

Todos são fascinantes. E fascinaram inclusive o próprio Cazarré. Ele afirma ter aceitado o convite da editora sem imaginar que se metia numa aventura: “O trabalho que inicialmente pareceu tranquilo acabou se transformando em uma epopeia. Estranhamente, a história que me tomou mais tempo era a mais conhecida. Como todo mundo, eu sabia alguma coisa dos contos do ciclo arturiano. Mesmo assim, fiquei surpreso com o grande número de versões e adaptações das proezas do rei Artur e dos cavaleiros da Távola Redonda”.

Lourenço Cazarré não é o primeiro nem será o último a se surpreender com os feitos desse lendário monarca britânico. A começar pela questão: houve um rei Artur de carne e osso?

Os historiadores se dividem. Há quem acredite que, se existiu um inspirador da lenda, ele talvez nem tivesse sido rei. Um nome possível é o do oficial romano Ambrosius Aurelianus, que, em fins do século V, esmagou os saxões na batalha de Mons Badicus; seus feitos bélicos teriam inspirado a saga arturiana. Outros recorrem ao mito, puro e simples: defendem que a tradição oral e popular misturou inúmeras histórias correntes (como a espada cravada na pedra ou a magia do druida Merlin) na personificação da corte de um glorioso monarca. Com o correr dos séculos, outros cavaleiros honrados, como Lancelote e Galahad, incorporam-se à famosa Távola Redonda e suas aventuras consolidam o ciclo arturiano.

Já mais fácil de precisar é a trajetória de Ivanhoé como personagem ficcional da autoria de *sir* Walter Scott. O livro *Ivanhoé*, de 1820, marcou o início de uma das vertentes do romantismo: o romance histórico. A obra, muito popular na época, é inspiradora não só como tema, mas também por trazer um protagonista de alma tão heroica e virtuosa, modelo de comportamento moral para personagens românticas, afinal, Ivanhoé é um cristão devotado, que sai em busca de relíquias sagradas; jamais questiona sua fé, mas defende uma judia (a bela Rebeca), pois ela encarna a figura de “uma dama em perigo”; mesmo ferido, enfrenta o infame Bois-Guilbert numa peleja, para salvar a vida e a honra da filha do judeu Isaac de York.

Também heroico, mas baseado em pessoas reais, é o protagonista de *O Guerreiro dos Cabelos de Fogo*, Guilherme Kugelfest. Para criá-lo, Lourenço Cazarré faz menção a “dois livros fascinantes sobre o passado do Rio Grande do Sul. O primeiro é do engenheiro belga Pierre Booth Mabilde, que esteve prisioneiro dos índios coroados, e o segundo, *Viagens às missões jesuíticas e trabalho apostólico*, do jesuíta austríaco Antônio Sepp, que, em 1691, viveu numa missão e descreveu o cotidiano entre os padres e índios”. Dessas fontes inspiradoras surgiu Guilherme, que durante três anos trabalha numa missão jesuíta, combate ao lado dos guaranis os terríveis cauababás, é preso por eles, mas aprisiona mesmo o coração de Ajataí, filha de Braoré, o cacique dos tcharros. Para conseguir seu amor, o ruivo Guilherme aceita todos os desafios da tribo, superando-os com bravura e inteligência, até concretizar seu destino de virar lenda formadora do território do Rio Grande do Sul.

Lendários ou inspirados em pessoas reais, excessivamente virtuosos ou agindo pela sobrevivência, solitários ou junto a colegas de armas igualmente heroicos, os protagonistas de *Três Cavaleiros* certamente pertencem ao imaginário consagrado de narrativas que merecem ser conhecidas por todos.

Afinal, a proposta inovadora da coleção **Três por Três** consiste na adaptação modernizada de textos antigos, de autores significativos da literatura universal, que dialogam com uma história de escritor brasileiro, também autor das adaptações. E tem como desafio maior seduzir o jovem leitor para que conheça o que já foi feito em outras épocas, sobre temas que, mesmo em nossos dias, continuam relevantes e desafiadores.

Boa leitura!

Marcia Kupstas

REI ARTUR

Thomas Malory

Adaptação de Lourenço Cazarré



THOMAS MALORY.

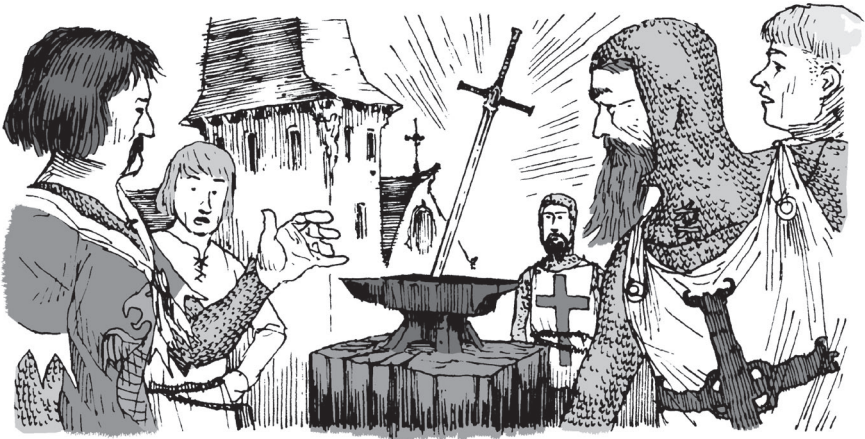
Inglês, nasceu em Warwickshire provavelmente em 1415 e faleceu em Londres em 1471. Sua família era nobre e proeminente na região havia séculos, o que não impediu Malory de levar vida aventurosa, cujos feitos discutíveis o conduziram à prisão inúmeras vezes.

Pouco se conhece de sua infância ou vida familiar; sabe-se que foi armado cavaleiro em 1442 e serviu como escudeiro do conde de Warwick. Em 1445 estava em Londres como membro do Parlamento inglês. Em 1450, junto com 26 cavaleiros, participou de uma emboscada contra o duque de Buckingham. Foi acusado de extorquir nobres e de violar duas mulheres. Preso, escapou depois de várias peripécias; consta que atravessou o fosso do castelo a nado e se envolveu em mais confusão.

Em meados da década de 1460, Thomas Malory foi finalmente encarcerado na Torre de Londres, onde, por oito anos, aguardou julgamento. Nesse período de cativo dedicou-se a uma longa e detalhada obra sobre a vida do rei Artur.

Provavelmente Malory conhecia alguns textos anteriores sobre o legendário rei, como A história dos reis britânicos (1138), de Geoffrey de Monmouth, em que o autor sugeria dons paranormais para Merlin e descrevia a espada na pedra; ou o trabalho do autor francês Chrétien de Troyes, que, também no século XII, acrescentou a Távola Redonda ao mito arturiano. O mérito de Malory foi sintetizar as várias versões em uma vibrante narrativa dramática, com linguagem bela e ritmada. Seu livro, intitulado Le morte d'Arthur e publicado postumamente em 1485, concluiu o ciclo medieval das lendas arturianas e se tornou fonte posterior para as "redescobertas" do mito, que acontecem de tempos em tempos.

Um paradoxo que merece ser ressaltado é o fato de que Thomas Malory, um homem cujos escassos fatos biográficos apontam para um discutível comportamento moral, sobressaia na História por ser autor de um livro sobre uma personagem tão repleta de virtudes como o rei Artur. Talvez o ideal de cavalaria seduza mesmo aqueles que não conseguem viver sob esse ideal, afinal, o mito arturiano prossegue encantando as multidões, quer entre os medievalistas românticos do século XIX, quer entre o público geral dos séculos XX e XXI: nos anos 1970/1980, por exemplo, a série As brumas de Avalon, em quatro volumes, da norte-americana Marion Zimmer Bradley, fez incrível sucesso como uma leitura "feminina" do ciclo arturiano; em 2004, uma versão de Hollywood (Rei Artur, direção de Antoine Fuqua) trouxe mais ação à trama, e outras versões continuam aparecendo. No entanto, elas certamente não encerram a questão sobre nosso fascínio a respeito do rei imortal e seus honrados cavaleiros da Távola Redonda.



1

MERLIN E O REI Uther PENDRAGON

ERA UMA VEZ, há muitos e muitos anos, um mago chamado Merlin. Sábio, ele conhecia os mistérios da natureza e os segredos dos homens. Recordava-se perfeitamente de todos os acontecimentos do passado e podia antever tudo o que aconteceria no futuro.

Uma vez o rei da Inglaterra, Uther Pendragon, mandou chamá-lo para aconselhar-se com ele. O emissário do rei cavalgava pela floresta quando um mendigo se aproximou dele e perguntou:

- A quem procuras?
- Não mete o bedelho onde não és chamado!

– Procuras Merlin a pedido do rei Uther – retrucou o mendigo. – Procuras Merlin, que sou justamente eu. Sei que o rei está disposto a me dar uma recompensa, caso eu o ajude a conseguir algo que ele deseja muito. Portanto, faz meia-volta, vai até o rei e diz que eu, Merlin, logo chegarei ao castelo dele.

Impressionado com aquelas palavras, o emissário retornou e contou ao rei o acontecido. Pouco depois, Merlin apresentou-se diante de Uther Pendragon:

– Sei exatamente o que deseja de mim, majestade. Quer ajuda para conquistar Igraine, a bela esposa do duque de Tintagil. Eu o ajudarei a cumprir esse sonho. Porém, em compensação, Vossa Majestade terá de atender a um pedido que eu lhe farei depois.

- Eu lhe dou minha palavra. Atenderei seu pedido, seja ele qual for.
- Acordo fechado – disse o mago. – Esta noite mesmo, iremos ao castelo